

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
FUNDAÇÃO DAS ESCOLAS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO NORTE CATARINENSE

CONCEPÇÃO MORTE NA EDUCAÇÃO

POR
ROSÉLI DE FÁTIMA RUTHES

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Especialização em Metodologia
de Ensino para obtenção de grau de
Especialista.

CANOINHAS

1992

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
FUNDAÇÃO DAS ESCOLAS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL NORTE CATARINENSE

CONCEPÇÃO MORTE NA EDUCAÇÃO 1 29

POR

ROSELI DE FÁTIMA RUTHES

ORIENTADORA : ARACI ASINELLI DA LUZ

CO-ORIENTADOR : GASTÃO OCTÁVIO FRANCO DA LUZ

CLECÉRIA BALUTA

CANOINHAS

1992

SUMÁRIO

	p.
1.0 - RESUMO	1
2.0 - INTRODUÇÃO	2
2.1 - ENUNCIADO DO PROBLEMA	2
2.2 - OBJETIVO	2
2.2.1 - OBJETIVO GERAL	2
2.2.2 - OBJETIVO ESPECÍFICO	2
2.3 - JUSTIFICATIVA	3
2.4 - HIPÓTESES	3
2.5 - PREMISSAS	4
2.6 - DIFICULDADES E ALTERAÇÕES	4
3.0 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
3.1 - UNIVERSO TEÓRICO	5
3.1.1 - A CONCEPÇÃO DA MORTE EM DIFERENTES LINHAS	9
4.0 - METODOLOGIA	13
4.1 - DELINEAMENTO DA PESQUISA	13
4.2 - DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO E AMOSTRA	13
4.2.1 - DELIMITAÇÃO	13
4.3 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS	15
4.3.1 - DELINEAMENTO DA PESQUISA	15
4.3.2 - METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO	15
4.3.3 - DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA	16
4.3.4 - DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS	17
5.0 - ANÁLISE DOS DADOS	17
5.1 - TRATAMENTO DOS DADOS	17
5.2 - EVIDENCIAÇÃO DOS RESULTADOS	17

5.3 - INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	36
5.3.1 - ALUNOS	36
5.3.2 - PROFESSORES	37
6.0 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	39
6.1 - RECOMENDAÇÕES	40
7.0 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	44

LISTA DAS TABELAS

TABELA 01 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SÉRIE	17
TABELA 02 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR IDADE	18
TABELA 03 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SEXO	18
TABELA 04 - GRAU DE INSTRUÇÃO DO PAI	19
TABELA 05 - RELIGIÃO A QUE PERTENCE	19
TABELA 06 - BENS MATERIAIS QUE POSSUI	20
TABELA 07 - QUANTO À MORADIA (IMÓVEL)	21
TABELA 08 - VIVÊNCIA DE ALGUMA PERDA	21
TABELA 09 - SENTIMENTO IMEDIATO EM RELAÇÃO À PERDA	22
TABELA 10 - MANIFESTAÇÃO DE SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À PERDA, NO PRESENTE	22
TABELA 11 - CONVERSOU SOBRE A PERDA COM	23
TABELA 12 - É IMPORTANTE FALAR SOBRE ESSE ASSUNTO NA ESCOLA ..	23
TABELA 13 - O PROFESSOR PODE TRAZER PARA A SALA DE AULA ESTE ASSUNTO	24
TABELA 14 - O PROFESSOR OU ORIENTADOR JÁ FALOU NESSE ASSUNTO	24
TABELA 15 - FOI BOM O QUE O PROFESSOR OU ORIENTADOR FALOU ..	24
TABELA 16 - MORTE SIGNIFICA	25
TABELA 17 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SEXO	26
TABELA 18 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR IDADE	26
TABELA 19 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR ESTADO CIVIL	27
TABELA 20 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR GRAU DE INSTRUÇÃO ..	27
TABELA 21 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR UNIDADE ESCOLAR	28
TABELA 22 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR ÁREA DE ATUAÇÃO	28
TABELA 23 - QUANTO À VIVÊNCIA DE ALGUMA PERDA	29
TABELA 24 - PROBLEMÁTICA DA MORTE NO AMBIENTE ESCOLAR	29
TABELA 25 - O TEMA DA MORTE JÁ HAVIA SIDO PENSADO	29

TABELA 26 - O TEMA 'MORTE' JÁ FOI DEBATIDO EM REUNIÕES PEDAGÓGICAS	30
TABELA 27 - PARTICIPAÇÃO DE TREINAMENTOS EM TORNO DA PROBLEMÁTICA	30
TABELA 28 - A CRIANÇA DIANTE DA PERDA DE UM DE SEUS FAMILIARES	31
TABELA 29 - A CRIANÇA É ENCORAJADA A SER INDEPENDENTE E AGIR DE ACORDO COM SEU CENTRO DE INTERESSE APÓS A PERDA	31
TABELA 30 - AS RESPOSTAS DA CRIANÇA, MESMO AS FALSAS SÃO ACEITAS	32
TABELA 31 - A CRIANÇA MANIFESTA O SEU PENSAMENTO E COLOCA O SEU PROBLEMA AO GRUPO E AO PROFESSOR	32
TABELA 32 - REAÇÃO DA CRIANÇA	33
TABELA 33 - DIFERENÇA DE SENTIMENTO DA CRIANÇA	34
TABELA 34 - O PAPEL QUE A ESCOLA REPRESENTA PARA A CRIANÇA .	35
TABELA 35 - REAÇÃO DO PROFESSOR DIANTE DA PROBLEMÁTICA	35

1.0 - RESUMO

A presente monografia procura mostrar o perfil da concepção de morte na Educação do 1º grau, do Município de Canoinhas, Estado de Santa Catarina.

Caracteriza-se a atual clientela docente e discente que constituem 4^{as} e 8^{as} séries do ensino de 1º grau de algumas escolas deste Município.

Aborda o sentimento de perda existentes nas crianças que freqüentam nossas unidades escolares.

Para a execução dos objetivos optou-se pela pesquisa bibliográfica e de campo, sendo que a última feito através da distribuição de questionário.

Conclui-se que a concepção de morte está mais vinculada à religiosidade, na busca da fé e na espiritualidade.

Verificou-se também o despreparo do docente em relação à problemática abordada.

2.0 - INTRODUÇÃO

2.1 - ENUNCIADO DO PROBLEMA

A escola atual prepara os alunos para enfrentar o fenômeno da morte?

2.2 - OBJETIVO

2.2.1 - OBJETIVO GERAL

Verificar se a escola atual prepara os alunos das séries iniciais do Ensino de 1º Grau, para enfrentar a problemática da morte.

2.2.2 - OBJETIVO ESPECÍFICO

Determinar como as crianças enfrentam a morte.

2.3 - JUSTIFICATIVA

Centrar a abordagem na questão de que o sentimento de perda, seja ela temporária ou permanente, interfere no comportamento dos indivíduos e, portanto, pode haver repercussão na aprendizagem.

Partindo da concepção de que a nova etapa da vida sempre antecede a uma perda ou morte de outro e que a própria vida é o prenúncio da morte, não há porque temê-la ou evitar falar dela. Pelo contrário, pensa-se que o preparo e discussão sobre o tema pode ajudar os indivíduos a melhor tratar suas perdas e dificuldades.

Verifica-se que inexistem estudos sobre isto, em especial ligados a preocupações educacionais. Justifica-se portanto, a importância desta pesquisa que visa mostrar caminhos para sua abordagem, de forma natural nas escolas de 1^o Grau.

2.4 - HIPÓTESES

- a - As aulas de religião abrindo espaço na preparação para a morte, amenizam o problema para os que continuam vivos.
- b - As pessoas de diferentes faixas etárias enfrentam a morte de modos diferentes.
- c - A diversificação étnica e suas diferenças tem seu modo particular de enfrentar a morte.
- d - A morte equipara os indivíduos em suas diferenças culturais e sócio-econômicas.
- e - Os seguidores das mais diversas religiões espalhadas pelo mundo, têm diferentes maneiras de enfrentar a morte.

2.5 - PREMISSAS

Se houver uma preparação educacional para se enfrentar a morte, desde os primeiros anos escolares, esse fato seria enfrentado pelas pessoas com mais naturalidade e seria menos angustiante e conflitante.

A questão morte não é limitada somente pelas aulas de religião, mas um assunto para ser abordado por outras disciplinas.

A escola é o lugar onde o indivíduo se prepara para viver fora dela.

2.6 - DIFICULDADES E ALTERAÇÕES

Dentre as alterações em relação ao projeto inicial está nos dados referente ao número de professores a serem atingidos e Orientadores Educacionais devido a inclusão das disciplinas de Ciências e Orientação Educacional.

A razão pela qual se fez necessária estas alterações, foram pelo fator gerador de uma reflexão em relação aos propósitos inseridos nas observações do projeto.

A principal dificuldade encontrada diz respeito à permissão por parte de uma escola para a aplicação dos questionários, como também a demora na devolução dos mesmos.

3.0 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 - UNIVERSO TEÓRICO

O homem vive para a sociedade da vida e renega a sociedade da morte. A preparação do ser humano, desde os mais tenros anos de sua existência, declara um amor universal às possibilidades vitais. Dependendo dos tempos, das culturas e das religiões, a visão da morte sofreu as mais variadas interpretações. Porém, como uma regra geral, a vida sempre foi vista como um ponto essencial para justificar a existência do homem e, por continuidade, de todos os seres vivos. Entretanto, é claro, o homem é o centro nevrálgico das atenções em torno das controvérsias sobre a morte. Segundo Urbano Zilles "a morte significa a libertação do cárcere, que oprime a alma". (1980:84)

Como o fenômeno da morte é visto pela escola? Será que a escola repete as fórmulas culturais do meio e pragmatiza a morte pelos estereótipos normalmente aceitos pela sociedade? O assunto é visto apenas sob o ângulo religioso centrado nos preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana? Será que o tema passa apenas despercebido nos bancos escolares até pela falta de preparação docente sobre uma questão tão delicada e profunda? Estas buscas procuram refletir as concepções da morte nos campos biológico, filosófico, religioso e materialista, atraindo as luzes do lado psicológico. As diferentes versões da morte no Oriente e no Ocidente e os enfoques das dificuldades do mun-

do moderno entre a morte e o aumento da violência, associados na ampliação do mercado das drogas merece uma análise detalhada a partir da vivência escolar. É neste roteiro que decidimos palmilhar as nossas pesquisas, pensando que estamos fazendo uma incursão quem sabe rara, se não pioneira, nesta senda do ensino-aprendizagem no município de Canoinhas.

Leituras antropológicas nos dão os conceitos fundamentais a respeito da morte. Desde cedo, como já nos referimos, o homem primitivo esteve voltado para a sociedade da vida. A morte é um obstáculo inexplicável nas sociedades tribais. "A associação entre morte e imortalidade se traduz pela idéia de que o corpo desaparecido retorna num novo ser, perpetuando a espécie sem, no entanto, definir muito bem os limites da vida e as variadas metamorfoses entre os diversos reinos dos seres vivos". (CASSERER, 1977:134-5)

Naqueles tempos remotos, o homem tinha uma visão prática da vida. A teoria sobre a vida e a morte é descartada enquanto o homem primitivo não precisava explicar a si mesmo as origens de sentimentos que foram aparecendo gradativamente, como o temor pela morte, por exemplo. É possível que as religiões sejam fruto desse temor. "Se quereis realmente contemplar o espírito da morte, abri amplamente as portas de vosso coração ao corpo da vida". (GIBRAN, 1981:77). Em todas as partes do mundo, tanto no Oriente como no Ocidente, os cultos à morte criaram os primeiros deuses sob a veneração aos antepassados. "A religião é originária do temor pelo desconhecido e nasceu dos mitos criados pela fantasia humana para salvar o indivíduo e o grupo". (BONI, 1976:123)

"O totemismo, mesmo nas religiões modernas, assim como nas primitivas, associam os fenômenos da reencarnação e da idolatria em relação aos antepassados", (CASSERER, 1977: 136-8), firmando desta forma a relação entre a vida, a morte e a imortalidade da alma. O espírito dos mortos é uma característica universal, pode-se dizer, da preocupação do homem às voltas com

as suas indagações sobre o que acontece com as pessoas após a morte. O medo de morrer é uma demonstração concreta de que estamos apenas preparados para a vida. A certeza da morte sempre assuntou a humanidade. Prova disso é a infinita busca pela eterna juventude e longevidade, porque a decadência do corpo é o sinal mais categórico da decadência da vida e a aproximação da morte.

A preparação do homem para o fato tão verdadeiro e de tanta certeza como a evidência da morte, contudo, são desprezados pela escola. A religiosidade subsidiada pelo 'maior país católico do mundo' dá às nossas crianças uma visão unilateral acerca do fenômeno da morte. Morrer atende apenas a uma vontade biológica e principalmente divina, ensina a maioria das escolas brasileiras. É verdade, nos outros tantos países, os ensinamentos sobre o fenômeno seguem os traços culturais e religiosos. Não há grandes mudanças nos aspectos didáticos sobre a morte. De um modo geral, além das funções biológicas do corpo, ele desempenha funções ascéticas. As divergências sobre as funções meramente biológicas e as ascéticas do corpo alimentaram e continuam a alimentar visões distintas de pensadores e dos homens em geral. "Uma gama amplamente grande de manifestações sobre o assunto fecundam as controvérsias sobre os papéis da vida e da morte, do viver e o morrer como veículos de diferenciação do homem em relação aos animais". (MONDIN, 1983: 37-38). No campo biológico, a morte representa simplesmente o fim do período vital, quando então cessam todas as atividades do organismo, que em condições normais desaparece como forma definida, reduzindo-se ao pó. Sob o prisma filosófico, as concepções são tantas e tão controvertidas que é quase impossível enumerá-las. A morte pode ser, por exemplo, a negação da vida. MONDIN expressa que tomando como exemplo apenas algumas expressões acerca da definição filosófica da vida: "... é possível alcançar uma determinação de sua verdadeira natureza e, por conseguinte, a elaboração de uma antropologia filosófica que passe pela porta da vida". (MONDIN, 1983:49)

Ora, julgamos que uma simples reversão entre vida e morte nos dá a mesma explicação sobre as múltiplas visões que a filosofia possui em relação à morte. A chamada substancialidade da alma (o espírito de cada um) é a discussão que nos leva à questionar sobre a finalidade de sua existência. Logo, compreende-se também que a morte encerra o ciclo da vida, deixando nua a alma, conforme cada uma das concepções. De um lado, a alma é uma substância e ela se identifica com o homem, porque, conforme essa teoria, o homem não é senão alma. O homem busca em sua vida a perfeição, que não pode alcançar a não ser em outro mundo. A alma é a prisioneira do corpo. Para os materialistas, a alma não é outra coisa que um alto grau de evolução da matéria. Uma terceira corrente diz que a substancialidade da alma não está diretamente ligada ao corpo, porque dele independe. (MONDIN, 1983:272)

Este mesmo autor sintetiza que o estudo da morte é muito árduo, uma vez que o assunto "faz parte do problema da vida." E continua acrescentando que as complicações se seguem porque "dela se deve falar sem tê-la experimentado, dado de quem a experimentou não pode mais falar dela". Finalmente, MONDIN acrescenta que "existem tantas e tantas respostas contrastantes e contraditórias a esse respeito". (MONDIN, 1983:300)

O autor aponta três razões fundamentais para o estudo da morte:

"é um fenômeno irreversível no homem; o ser humano é o único dotado da capacidade de saber que esse é o seu caminho definitivo e que a vida é uma progressão constante em direção a um desfecho fatal. Os conflitos em relação ao sentido da morte se traduz, hoje, em dois flancos completamente opostos. De um lado há os que acreditam ser a morte o final total do homem. De outro, a morte não assinala o fim total do ser humano".

(MONDIN, 1983: 300-309).

Acreditamos que a partir destas considerações superficiais possam estabelecer que os nossos estudantes têm apenas uma vaga idéia acerca da problemática da morte. As meias-verdades que os afligem são perpetuadas 'pelos séculos dos séculos' porque a Igreja ensina apenas meias verdades: a cultura religiosa é parcial e oferece uma visão unilateral sobre o assunto. A continuidade dessa questão é perpetuada porque os professores, de um modo geral, são frutos dessa mesma sociedade centrada em preceitos religiosos pouco esclarecedores e que não permitem divagações contestadoras; porque também, na mesma seqüência, os docentes não são preparados para ensinar acerca de um tema tão controvertido e complexo. Afinal, as suas lições sobre a morte acabam sendo resultantes de um conhecimento superficial e distante de qualquer formação antropológica e filosófica. O escasso conhecimento adquirido é repassado de acordo com a visão restrita de cada professor, dependendo apenas daquilo que julga ser a sua verdade absoluta sobre a morte. Nessa roda-viva de formulações mal feitas, a maioria dos estudantes apenas tende a divagar diante da complexidade do tema, sem jamais obter resultados que não a própria certeza da morte, um dia.

3.1.1 - A CONCEPÇÃO DA MORTE EM DIFERENTES LINHAS

Segundo a maioria dos lexicólogos, que seguem a definição de LOTZ, morte é um fenômeno bio-filosófico, que afeta a todos os seres vivos corpóreos e consiste na cessação da vida pela extinção das atividades de crescimento, assimilação e reprodução bem como da consciência e apetite sensoriais juntamente com o movimento.

Desde os tempos mais remotos o homem busca uma solução, adora os ídolos mais estranhos, dando-se assim uma das provas mais convincentes da existência da alma. PLATÃO já dizia que "a Filosofia é uma meditação para a morte"; e CÍCERO no seu *meditatio mortis*, reforça este postulado.

Na religião, dentro da linguagem cristã a palavra morte evoca conceitos diferentes. No sentido próprio designa a separação da lama e corpo. Deste significado literal derivam sentidos figurados: perda da alma. No Novo Testamento com frequência se dá o nome de morte ao estado moral do pecador; dá-se uma semântica contrária quando se quer dizer a purificação espiritual de cristão pelo abandono do mundo; conseqüência e castigo do pecado.

Para o Catolicismo, a morte é o juízo parcial, a alma é separada do corpo para ser julgada. *Momentum a quo pendent aeternitas*. (Momento de que depende a eternidade). É o grande e terrível momento de que depende a eternidade. Daí estar no catolicismo a maior biblioteca e obras místicas e vida de santos sobre o tema - morte. A morte é a conquista da fé cristã. É a possibilidade de estar com Cristo. A morte é a ressurreição. É vida. "... é morrendo que se nasce para a vida eterna". (São Francisco). E para o espiritismo a morte nada mais é senão uma reencarnação. A morte é uma peregrinação da alma.

A morte, dentro das Ciências pode ser vista como:

- a) FISILOGIA: a morte é um terminal inexorável da evolução de toda a matéria viva.
- b) DIREITO: a morte é o fim de todos os direitos. A morte é a extinção da vida e, logicamente o fim de tudo aquilo que a vida originara. Com a morte física termina a personalidade humana.
- c) HISTÓRIA: (o mesmo que direito). Seremos o que deixarmos de nós mesmos. Uma pegada, um sinete, uma marca...
- d) MITOLOGIA: a morte é uma divindade, filha do sono e da noite.
- e) PSICOLOGIA: é o vazio criado pelo desencontro em aceitar o confronto com o desafio evolutivo da vida humana.

- f) **FILOSOFIA:** a morte é uma separação da alma espiritual e imortal do corpo perecível e efêmero. Filosoficamente a essência morte é a separação da alma do corpo, porque este, devido a idade, doença ou lesão não é mais capaz de ser portador da vida. A morte, ao contrário das plantas e animais significa para o homem o retorno à união interiorizada do espírito desde a multiplicidade exteriorizada do mundo típico-temporal.
- g) **MATERIALISMO:** não admite este segundo sentido de morte e se restringe ao primeiro sentido, isto é, aquilo que a matéria, única e exclusivamente nos apresenta: fim, desaparecimento. O homem morre todo!
- h) **MAQUEISMO:** o mundo da criação é um grande mal e portanto a morte, um fim, a destruição é um grande bem.
- i) **IDEALISMO:** a morte depende de nós, é o conceito feito particularmente por nós.
- j) **CEPTICISMO:** a morte é um ponto de interrogação. Uma grande dúvida que não podemos solucionar. Legítima e cientificamente não possuímos a certeza de coisa alguma e nem da morte.
- l) **SEMISMO:** os semistas não aceitam a morte. Ela não existe. É apenas uma ida para o *sheol* (mansão dos mortos).
- m) **BRUXARIA E FEITIÇARIA:** a morte é punição, castigo, vingança merecedora, um mecanismo de justiça.
- n) **ISLAMISMO:** a morte é uma passagem da lama pela sala de espera, no aguardo da Ressurreição. O Islamismo supera ao mesmo tempo os materialistas e os espiritualistas porque constrói sua filosofia sobre a união entre valorizar a vida terrena, valorizando

a morte. Valoriza o desfrutar dos prazeres lícitos e permitidos e valoriza a vida no Além, o derradeiro destino junto a Deus, num viver eterno e perpétuo.

"Procura no que Deus te concedeu a última morada na vida do Além, sem esquecer do teu quinhão, de aproveitar esta vida terrena ..." (ALCORÃO SAGRADO, Surata 28, versículo 77)

4.0 - METODOLOGIA

4.1 - DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi preparada a partir de um levantamento bibliográfico, elaboração de um instrumento de pesquisa para ser aplicado e a pesquisa de campo propriamente dita, com posterior análise e interpretação de resultados.

4.2 - DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO E AMOSTRA

4.2.1 - DELIMITAÇÃO

- LOCAL

Município de Canoinhas, Estado de Santa Catarina.

- UNIVERSO

O universo investigado foi das Unidades Escolares que possuem o curso de 1^o grau, no perímetro urbano e rural, escolas públicas e particulares do Município de Canoinhas.

Quanto a localização, três escolas estão dentro do perímetro urbano e uma no perímetro rural, sendo que uma das escolas do perímetro urbano oferece curso no período noturno.

- AMOSTRA

Para se obter a amostra das quatro Unidades Escolares, em funcionamento, os alunos foram organizados em séries obedecendo assim a faixa etária dos mesmos, discriminando-se os turnos (diurno e noturno) e o sistema de ensino (público e particular).

Quanto aos professores foram organizados em função da área de atuação, num total de 19 (dezenove).

Quadro nº 1 - Demonstrativo de clientela - 4^a série

SEXO	IDADE	CLASSE SOCIAL
Masculino = 40	9 a 11 = 70	A = 20
Feminino = 40	11 e mais = 10	B = 30
		C = 30

Quadro nº 2 - Demonstrativo de clientela - 8^a série

SEXO	IDADE	CLASSE SOCIAL
Masculino = 50	13 a 15 = 90	A = 40
Feminino = 70	11 e mais = 30	B = 45
		C = 35

Quadro nº 3 - Demonstrativo de professores das 4ª e 8ª séries

SEXO	IDADE	ÁREA DE ATUAÇÃO
Masculino = 1 Feminino = 11	até 25 anos = 7 de 26 a 40 = 54 mais de 40 =	4ª série do 1º grau = 4 Ed. Religiosa = 4 Língua Portuguesa = 4 Ciências = 4 Orientador = 3

Quadro nº 04 - Caracterização da amostra

ESCOLA PÚBLICA						ESCOLA PARTICULAR			
diurno				noturno		diurno			
4ª		8ª		8ª		4ª		8ª	
MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM
29	39	19	35	17	14	07	18	16	06

4.3 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

4.3.1 - DELINEAMENTO DA PESQUISA

O projeto de levantamento, pesquisa de campo com análise teórica.

4.3.2 - METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO

Na pesquisa de campo ocorreu a formulação dos instrumentos de coleta de dados para alunos e professores, com a conseqüente aplicação.

De posse dos questionários devidamente preenchidos, efetuou-se a tabulação e análise dos dados obtidos, com posterior transcrição dos dados em tabelas, dando-se tratamento estatístico, levando a uma generalização das conclusões.

Ainda dentro da pesquisa de campo ocorreu o contato com as Unidades Escolares com a finalidade de obter dados necessários à consecução da pesquisa, bem como a autorização para aplicação dos questionários.

4.3.3 - DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA

Os instrumentos de coletas de dados da presente pesquisa consistiram em dois questionários com perguntas objetivas e descritivas (ANEXO 01).

O questionário destinado aos professores consistia de 20 (vinte) perguntas e o destinado aos alunos de 16 (dezesesseis) perguntas. Ambos exploravam as questões da vida pessoal, porém os do professor explorava a vida profissional e as dos alunos a vida familiar e escolar.

4.3.4 - DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS

Os dados apresentados foram coletados durante ao ano vigente, no decorrer das aulas.

Os estabelecimentos pesquisados foram aqueles que oferecem o Ensino de 1^o grau completo, no Município de Canoinhas, observando-se a amostra inicialmente proposta, com alterações.

5.0 - ANÁLISE DOS DADOS

5.1 - TRATAMENTO DOS DADOS

Após a coleta dos instrumentos de pesquisa devidamente preenchidos, efetuou-se a tabulação e análise dos dados obtidos, com posterior transcrição dos dados em tabelas, para facilitar a visualização dos resultados, dando-se devido tratamento estatístico.

5.2 - EVIDENCIAÇÃO DOS RESULTADOS

Resultado da pesquisa com os alunos:

TABELA 01 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SÉRIE

DISCRIMINAÇÃO	F	%
4 ^a série	92	46,00
8 ^a série	103	51,50
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 02 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR IDADE

DISCRIMINAÇÃO	F	%
de 9 a 11 anos	81	40,50
de 12 a 13 anos	17	8,50
de 14 a 15 anos	70	35,00
de 16 anos em diante	27	13,50
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 03 - DISTRIBUIÇÃO POR SEXO

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Masculino	86	43,00
Feminino	109	54,50
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 04 - GRAU DE INSTRUÇÃO DO PAI

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Primário incompleto	34	17,00
Primário completo	53	26,50
1º grau	18	9,00
2º grau	22	11,00
Superior	64	32,00
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 05 - RELIGIÃO A QUE PERTENCE

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Espírita	07	3,50
Protestante	11	5,50
Católica	171	85,50
Testemunha de Jeová	03	1,50
Assembléia de Deus	01	0,50
Batista	02	1,00
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 06 - BENS MATERIAIS QUE POSSUI

DISCRIMINAÇÃO	F	%
a) Televisão		
Uma	75	37,50
Duas	53	26,50
Três ou mais	59	29,50
Não possui	05	2,50
Não responderam	03	1,50
Não entregaram	05	2,50
TOTAL	200	100,00
b) Liquidificador		
Sim	168	84,00
Não	22	11,00
Não responderam	05	2,50
Não entregaram	05	2,50
TOTAL	200	100,00
c) Forno Microondas		
Sim	59	29,50
Não	130	65,00
Não responderam	06	3,00
Não entregaram	05	2,50
TOTAL	200	100,00
d) Telefone		
Sim	122	61,00
Não	65	32,50
Não responderam	08	4,00
Não entregaram	05	2,50
TOTAL	200	100,00
e) Carro		
Um	103	51,50
Dois	29	14,50
Três ou mais	09	4,5
Não possui	51	25,50
Não responderam	03	1,50
Não entregaram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 07 - QUANTO A MORADIA (IMÓVEL)

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Casa própria	171	85,50
Casa alugada	24	12,00
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 08 - VIVÊNCIA DE ALGUMA PERDA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Um animal	34	17,00
Um colega	14	7,00
Alguém da família	68	34,00
Um animal/alguém da família	17	8,50
Um animal/um colega	07	3,50
Um colega/alguém da família	11	5,50
Um animal/colega/alguém da família	37	18,50
Não responderam	07	3,50
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 09 - SENTIMENTO IMEDIATO EM RELAÇÃO À PERDA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Tristeza	159	79,53
Raiva	08	4,00
Medo	04	2,00
Tristeza/medo	13	6,50
Tristeza/raiva	05	2,50
Tristeza/raiva/medo	01	0,50
Não responderam	05	2,50
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 10 - MANIFESTAÇÃO DE SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À PERDA, NO PRESENTE

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Triste	42	21,00
Saudoso	79	39,50
Indiferente	03	1,50
Já esqueceu	46	23,00
Triste/saudoso	19	9,50
Triste/saudoso/já esqueceu	02	1,00
Não responderam	04	2,00
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 11 - CONVERSOU SOBRE A PERDA COM

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Mãe	35	17,50
Pai	04	2,00
Colega	26	13,00
Professor	10	5,00
Mãe/pai	25	12,50
Mãe/colega	11	5,50
Colega/professor	05	2,50
Mãe/professor	01	0,50
Mãe/pai/colega	20	10,00
Mãe/pai/professor	03	1,50
Mãe/pai/colega/professor	20	10,00
Não conversou	06	3,00
Não responderam	29	14,50
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 12 - É IMPORTANTE FALAR SOBRE ESSE ASSUNTO NA ESCOLA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	113	56,50
Não	77	38,50
Não responderam	05	2,50
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 13 - O PROFESSOR PODE TRAZER PARA A SALA DE AULA ESTE ASSUNTO

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	113	56,50
Não	80	40,00
Não responderam	02	1,00
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 14 - O PROFESSOR OU ORIENTADOR JÁ FALOU NESSE ASSUNTO

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	124	62,00
Não	67	33,50
Não responderam	04	2,00
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 15 - FOI BOM O QUE O PROFESSOR OU ORIENTADOR FALOU

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	118	59,00
Não	34	17,00
Não responderam	43	21,50
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

TABELA 16 - MORTE SIGNIFICA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Passagem para a vida eterna	25	12,50
Dor e tristeza	32	16,00
Medo	04	2,00
Encontro com Deus	16	8,00
Vida nova	20	10,00
Descanço	11	5,00
Paz e harmonia	07	3,50
Normal que não pode ser evitado	10	5,00
Fim da vida	07	3,50
Sentimento de perda	08	4,00
Libertação do corpo para uma vida melhor	05	2,50
Mundo igual	01	0,50
Perda que traz alegria depois	02	1,00
É vida de recapitulação que se faz na terra	01	0,50
Nascer para a 'verdadeira vida'	02	1,00
Reencarnação	03	1,50
Tristeza para quem fica e paraíso eterno para quem vai	05	2,50
Perda de alguém	14	7,00
Ida para o céu e/ou inferno	02	1,00
Viagem	04	2,00
Interrupção da vida na terra	07	3,50
Quando terminar a missão na terra	02	1,00
Chegada no céu	02	1,00
Sono profundo	01	0,50
Não responderam	04	2,00
Não devolveram	05	2,50
TOTAL	200	100,00

Resultado da pesquisa com os professores

TABELA 17 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SEXO

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Masculino	01	5,26
Feminino	17	89,48
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 18 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR IDADE

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Até 25 anos	06	31,58
de 26 a 40 anos	12	63,16
mais de 40 anos	00	0
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 19 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR ESTADO CIVIL

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Solteiro	09	43,37
Casado	09	43,37
Divorciado	00	0
Viúvo	00	0
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 20 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR GRAU DE INSTRUÇÃO

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Magistério (2º grau)	06	31,58
Superior (graduação)	10	52,64
Superior (pós-graduação)	02	10,52
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 21 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR UNIDADE ESCOLAR

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Escola pública	15	21,05
Escola particular	01	5,26
Escola pública e particular	02	10,53
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 22 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR ÁREA DE ATUAÇÃO

DISCRIMINAÇÃO	F	%
4 ^a série do 1 ^o grau	04	21,05
Educação Religiosa	03	15,80
Língua Portuguesa	04	21,05
Ciências	04	21,05
Orientação Educacional	03	15,79
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 23 - QUANTO À VIVÊNCIA DE ALGUMA PERDA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	16	84,21
Não	02	10,53
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 24 - PROBLEMÁTICA DA MORTE NO AMBIENTE ESCOLAR

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	08	42,11
Não	10	52,63
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 25 - O TEMA DA MORTE JÁ HAVIA SIDO PENSADO

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	12	63,16
Não	06	31,58
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 26 - O TEMA 'MORTE' JÁ FOI DEBATIDO EM REUNIÕES
PEDAGÓGICAS

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	10	52,63
Não	08	42,11
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 27 - PARTICIPAÇÃO DE TREINAMENTOS EM TORNO DA
PROBLEMÁTICA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	03	15,79
Não	15	78,95
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 28 - A CRIANÇA DIANTE DA PERDA DE UM DE SEUS FAMILIARES

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Só a partir do momento que se deparar com o problema para ver qual a reação	01	5,26
Não superproteger	01	5,26
Pavor por falta de esclarecimento	01	5,26
Triste, isolada, fechada em si	02	10,53
Indefesa, insegura	04	21,06
Desamparada	01	5,26
Abatida, agressiva	01	5,26
Necessita de paciência e carinho	01	5,26
Não responderam	06	31,59
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 29 - A CRIANÇA É ENCORAJADA A SER INDEPENDENTE E AGIR DE ACORDO COM SEU CENTRO DE INTERESSE APÓS A PERDA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	08	42,11
Não	08	42,11
Não responderam	02	10,52
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 30 - AS RESPOSTAS DA CRIANÇA, MESMO AS FALSAS SÃO ACEITAS

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	10	52,63
Não	08	42,11
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 31 - A CRIANÇA MANIFESTA O SEU PENSAMENTO E COLOCA O SEU PROBLEMA AO GRUPO E AO PROFESSOR

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Sim	10	52,63
Não	07	36,85
Não responderam	01	5,26
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 32 - REAÇÃO DA CRIANÇA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Retrair-se	03	15,80
Agressividade	02	10,53
Indiferença	00	0
Tristeza	02	10,52
Retrair-se/tristeza	05	26,33
Indiferença/tristeza	01	5,26
Retrair-se/agressividade/tristeza	02	10,52
Tristeza/agressividade	01	5,26
Não responderam	02	10,52
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 33 - DIFERENÇA DE SENTIMENTO DA CRIANÇA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
a) criança da classe baixa		
Não tem diferença	05	26,32
Com facilidade aparente	02	10,53
Percebe o lado espiritual	01	5,26
Consola-se pela fé e afeto	04	21,06
Naturalmente	01	5,26
Acredita em Deus	01	5,26
Sente mais	01	5,26
Não responderam	03	15,79
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00
b) criança da classe alta		
Não tem diferença	05	26,32
Sofre mais	05	26,32
Tem mais apoio	03	15,78
Não responderam	05	26,32
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 34 - O PAPEL QUE A ESCOLA REPRESENTA PARA A CRIANÇA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Segurança e apoio	05	26,32
Apoio e compreensão	02	10,53
Debater os assuntos em forma filosófica	01	5,26
Apoio	05	26,32
Segurança	02	10,53
Orientadora	01	5,26
Indiferente	01	5,26
Não responderam	01	5,26
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

TABELA 35 - REAÇÃO DO PROFESSOR DIANTE DA PROBLEMÁTICA

DISCRIMINAÇÃO	F	%
Apoio	17	89,48
Indiferença	00	0
Não responderam	01	5,26
Não devolveram	01	5,26
TOTAL	19	100,00

5.3 - INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

5.3.1 - ALUNOS

De um total de 200 (duzentos) questionários distribuídos, foram devolvidos 195 (cento e noventa e cinco). Destes, 86 (oitenta e seis) são do sexo masculino e 109 (cento e nove) do sexo feminino.

Quanto ao grau de instrução do pai, observa-se que 32% (trinta e dois por cento) possuem Cursos Superior, contra 17% (dezessete por cento) de Curso Primário incompleto.

A grande maioria pertence à Religião Católica, perfazendo um total de 85,5% (oitenta e cinco vírgula cinco por cento).

Com relação as classes sociais, verifica-se que é predominante a classe B (média).

A maioria dos alunos já sofreu algum tipo de perda, sendo que a maior vivência foi constatada dentro da família.

Há um certo equilíbrio em relação ao sentimento imediato de perda e o momento presente referente a mesma; entretanto, notou-se que a tristeza e saudade são sentimentos demonstrados pela grande maioria.

É expressivo o número de alunos que dialogam com a mãe sobre o sentimento de perda, percebendo-se a importância que a mãe, mulher, tem dentro da família. Contudo, a importância desse assunto dentro do ambiente escolar é dos mais visíveis, chegando a um total de 113 (cento e treze) estudantes que opinou

sobre a importância do referido assunto no ambiente escolar, notando-se também o mesmo número de estudantes que considera que o professor deve trazer este assunto para dentro da sala de aula.

Porém, 124 (cento e vinte e quatro) estudantes já tiveram o assunto abordado por seus professores ou orientadores, e 118 (cento e dezoito) estudantes afirmaram que foi bom para eles.

Conclui-se que o significado de morte para os discentes é um sentimento de dor, tristeza, como também a passagem para a vida eterna, uma vida nova e um encontro com Deus.

5.3.2 - PROFESSORES

Apesar de um índice pequeno de questionários não entregues por parte dos docentes, isto em hipótese alguma inviabiliza a obtenção de dados significativos sobre a concepção de morte na Educação em alunos que fazem parte das 4^{as} e 8^{as} (quartas e oitavas) séries, principalmente se considerarmos que os 18 (dezoito) questionários respondidos representam 94,73% (noventa e quatro vírgula setenta e três) por cento do total de professores entrevistados.

Analisados os questionários constatou-se que há mais professores do sexo feminino atuando nas referidas séries. A faixa etária predominante está entre 26 a 40 (vinte e seis a quarenta) anos e se considerarmos no todo, podemos concluir que nossos professores são na maioria jovens, com Curso Superior completo.

Ao serem questionados em relação à vivência de alguma perda, notou-se que a maioria já passou pela experiência.

No que se refere à problemática no ambiente escolar verificou-se um pequeno número de docentes que já se havia defrontado com a problemática.

Houve debate entre os docentes em reuniões pedagógicas e constatou-se que só tiveram treinamento e embasamento teórico no referido assunto, os professores de Ensino Religioso, treinamento este feito através do CIER (Conselho de Igrejas para a Educação Religiosa).

Ao serem indagados sobre como o docente vê a criança diante da perda de seus familiares, observou-se que a mesma é indefesa e insegura, porém muitos deixaram de responder a este item.

Quanto à questão da criança ser encorajada a tornar-se independente e agir de acordo com o seu centro de interesse, notou-se que há um equilíbrio de opiniões.

Quando se trata das respostas da criança, mesmo as falsas, houve uma pequena margem mais elevada de aceitação pelo docente.

Tratando-se de crianças da classe baixa não se verificou diferença em relação ao sentimento: as duas sofrem na mesma proporção, só a de classe baixa consola-se pela fé e afeto, enquanto que a de classe alta tem outros centros de interesse.

Ao serem inquiridos sobre o papel que a escola representa para a criança nesta perda, percebeu-se que a escola e o docente têm a função de dar apoio e segurança à criança.

Notou-se que nas escolas que já vivenciaram uma perda, existe mais diálogo, mais abertura para o tema abordado, como também verificaram-se reuniões pedagógicas em torno do assunto.

6.0 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Ao elaborarmos a conclusão, temos obrigatoriamente que nos reportar ao problema norteador de toda a pesquisa, ou seja: a escola atual prepara os alunos para enfrentar o fenômeno da morte?

No momento, a escola passa por um processo de contradições e de transformações, porém é parte integrante do núcleo de convivência da criança e deve ter como princípio oferecer condições ideais para a criança superar traumas, através do diálogo, aconselhamentos, visitas familiares, acompanhamento e reflexão.

As aulas de religião abrem espaço na preparação da morte, amenizando o problema dos que continuam vivos, pois o tema 'morte' admite efeitos significativos, tais como: Passagem para a vida eterna e encontro com Deus.

As crianças de diferentes classes sociais reagem de formas desiguais, devido às conseqüências familiares diante do fato (morte) e também devido à sua formação cristã, que varia de família para família.

Quanto à equiparação das diferenças culturais e sócio-econômicas há influência no que se refere aos bens materiais, conclui-se que a criança da classe social mais baixa sempre está em conflito de perda, enquanto que a criança da classe social mais elevada tem sempre outros meios para esquecer a perda.

O que se pode concluir em termos de concepção de morte na Educação é que ainda existe uma certa aversão por parte dos alunos, contudo, temos no ensino de 1^o grau, docentes preocupados com os valores sentimentais e acima de tudo, voltados para um novo tempo e conseqüentemente para uma nova educação na sociedade.

6.1 - RECOMENDAÇÕES

Seria impossível de nossa parte tentar responder a todos os questionamentos que envolvem a problemática da morte. Assim, o presente trabalho deu o primeiro passo na tentativa de melhor conhecê-la dentro do ambiente escolar, com algumas dificuldades, é bem verdade.

Recomenda-se que novas pesquisas sejam feitas, a fim de confirmar ou ampliar os resultados presentes e principalmente acompanhar a evolução e transformação da postura do docente em relação à morte, na educação.

A luta pela superação de uma perda exige compreensão clara e efetiva dos docentes em relação aos discentes.

Os seguidores de diversas religiões espalhadas pelo mundo têm diferentes maneiras de enfrentar a morte, pois o catolicismo tem uma visão de morte como vida nova, enquanto os espíritas a vêem como meio de reencarnação.

Hoje observa-se claramente que a escola não é apenas mera geradora de conhecimentos práticos e científicos, mas já está a caminho de acompanhar e entender o lado humano do aluno.

As perspectivas que motivam o desenvolvimento de socialização da criança em relação aos aspectos cognitivos, podemos

afirmar que os dois precisam andar juntos, pois vive-se em época de transformações sociais.

Há necessidade de maior aprofundamento teórico quanto a referida concepção.

O tema despertou interesse por parte dos docentes, os quais pretendem dar continuidade em suas Unidades Escolares através de reuniões pedagógicas e orientação educacional, contribuindo deste modo para a solução dos casos já vivenciados dentro do ambiente escolar.

Contudo, podemos afirmar que hoje a criança apresenta interesse em relatar suas histórias e sofrimentos, angústias, desintegração ou amarguras, à outras crianças, professora ou Orientador Educacional, assim sendo, o fato morte faz com que o indivíduo intensifique a concepção de vida.

7.0 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA; Português. Apocalipse 3,3. 16,5; 2^a Epístola São Pedro apóstolo 3,10; 1^a Epístola São Paulo Apóstolo aos Coríntios 15,21-22; 2^a Epístola São Paulo Apóstolo aos Coríntios 5,1; Epístola de São Paulo aos Filipenses 1,23; Epístola de São Paulo Apóstolo aos hebreus 9,27; Epístola de São Paulo Apóstolo aos Romanos 5,12. 6,23; 1^a Epístola de São Paulo apóstolo aos Tessalonisenses 5, 1-6; 2^a Epístola de São Paulo apóstolo a Timóteo 4. 6-8; Eclesiástico 8,8. 14, 1820. 25,33. 1,13. 40,11. 41,1; Eclisiastes 3,20. 9,12; Gênesis 2,17. 3,19; Livro de Josué 23,14; Livro da Sabedoria 7,6. 2,23-24. 4, 19-20; Lucas 12,16. 35. 16,22; Provérbios 14,32. 11,7; Salmos 115,6. 33,22, 6^a ed. São Paulo. Edições Paulinas, 1979, 1359 p.
- BONI, Luís Alberto de. Antropologia, perspectivas filosóficas. Porto Alegre: Universidade Federal de Caxias do Sul, 1976.
- BOROS, Ladislau. Existência redimida. São Paulo: Paulinas, 1973.
- BRUGGER, W. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Herder, 1981.
- CASSERER, Ernest. Antropologia filosófica, ensaio sobre o homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- DICIONÁRIO TÉCNICO MELHORAMENTOS. Biologia, Arquivos Brasileiros, Psicologia: Rio de Janeiro: 1983.

- MARANHÃO, José Luiz de Souza. O que é morte. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, 84 p.
- MONDIN, Battista. O homem: que é ele? Elementos de Antropologia filosófica. São Paulo: Paulinas, 1983.
- ROSS, Elisabeth Kübler. Auf der Such nach Sinn in Umgang mit Leidenden. Kinder in der Degegnung mit dem Tod. Rev. Renovatio, 1977, n. 33.
- SBE, Jornal Documento. Curitiba/PR, 10 de maio de 1989, n. 5.
- STRAUSS, Claude Lévi. O pensamento selvagem. São Paulo: Papyrus, 1989, 323 p.
- TEPE, Valfredo. O sentido da vida. 8. ed. São Paulo: Vozes, 1977.
- ZILLES, Urbano. Esperança para além da morte. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço, de Brindes, La Salle, 1980, 128 p.

ANEXOS

ANEXO I

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DESTINADO AOS PROFESSORES

Este questionário é um instrumento de pesquisa destinado a elaboração da monografia 'A concepção da morte na educação', do curso de pós-graduação a nível de especialização em Metodologia do Ensino, num convênio entre FUNPLOC (Fundação das Escolas do Planalto Norte Catarinense) e a UFPR (Universidade Federal do Paraná).

Para que possamos atingir os nossos objetivos, solicitamos a sua colaboração, respondendo fielmente às indagações do questionário.

Atenciosamente

Roseli de Fátima Ruthes

Estabelecimento: _____

QUESTIONÁRIO

A - DA IDENTIFICAÇÃO DO PESQUISADO

01 - Sexo:

- a () masculino
- b () feminino

02 - Idade:

- a () até 25 anos
- b () de 26 a 40 anos
- c () mais de 40 anos

03 - Estado civil:

- a () solteiro
- b () casado
- c () divorciado
- d () viúvo

04 - Grau de escolarização:

- a () magistério (2º grau)
- b () superior (graduação)
- c () superior (pós-graduação)

05 - Unidade Escolar em que trabalha:

- a () escola pública
- b () escola particular
- c () escola pública e particular

06 - Área de atuação:

- a () 4ª série do 1º Grau
- b () Educação Religiosa
- c () Língua Portuguesa
- d () Ciências
- e () Orientação Educacional

07 - Você já vivenciou alguma perda?

- a () Sim
- b () Não

Justificativa: _____

B - DA INVESTIGAÇÃO

08 - Você como educador, já se defrontou com a problemática da morte no ambiente escolar?

- a () sim
- b () não

09 - Você já havia parado para pensar nesta problemática?

- a () sim
- b () não

10 - Já teve oportunidade de debater esses assuntos em reuniões pedagógicas?

- a () sim
- b () não

- 11 - Alguma vez teve treinamento que falasse dessa problemática?
- a () sim
- b () não
- 12 - Como você vê a criança diante do problema de perda de um de seus familiares?
- 13 - A criança é encorajada a ser independente e agir de acordo com o seu centro de interesse após uma perda?
- 14 - As respostas da criança, mesmo as falsas, são aceitas pelo educador?
- 15 - A criança tem oportunidade de manifestar o seu pensamento e de colocar todo o seu problema ao grupo com quem estuda e ao seu professor?
- 16 - Como a criança reage diante da problemática?
- a () retraindo-se
- b () com agressividade
- c () com indiferença
- d () com alegria
- e () com tristeza
- 17 - Qual a diferença de sentimento de perda de uma criança da classe baixa em relação a criança da classe alta?

18 - Qual o papel que a escola representa para a criança nesta perda?

19 - Qual seria a sua reação diante desta problemática?

a () indiferença

b () apoio à criança

20 - Espaço reservado para informações ou observações que julgar necessárias:

ANEXO II

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA OS ALUNOS

Contamos com sua valiosa colaboração para obtermos informações e posicionamentos autênticos de sua parte em todos os quesitos deste instrumento. Expressamos-lhe agradecimentos antecipados e esclarecemos que o presente é respondido anonimamente.

Atenciosamente

Roseli de Fátima Ruthes

1) Estabelecimento:

- a) () Colégio Estadual "Irmã Maria Felicitas"
- b) () Escola Básica "Sagrado Coração de Jesus"
- c) () Escola Básica "Maria Izabel de Lima Cubas"
- d) () Escola Básica "Tempo Feliz"

2) Série que estuda:

- a) () 4^a Série
- b) () 8^a Série

3) Idade:

- a) () 9 a 11 anos
- b) () 12 a 13 anos
- c) () 14 a 15 anos
- d) () 16 em diante

4) Sexo:

- a) () Masculino
- b) () Feminino

5) Qual o grau de instrução de seu pai?

- a) () Primário incompleto
- b) () Primário completo
- c) () 1º Grau
- d) () 2º Grau
- e) () Superior

6) Qual é a sua religião?

- a) () Espírita
- b) () Protestante
- c) () Católica
- d) () Testemunha de Jeová
- e) () Assembléia de Deus
- f) () Nenhuma
- g) () Outra: Qual? _____

7) Assinale o que possui em casa:

Televisão:

- a) () uma
- b) () duas
- c) () três ou mais
- d) () não possui

7.1 - Liquidificador:

- a) () sim
- b) () não

7.2 - Forno Microondas:

- a) () sim
- b) () não

7.3 - Telégrafo

- a) () sim
- b) () não

7.4 - Carro:

- a) () um
- b) () dois
- c) () três ou mais
- d) () não tem

7.5 - Mora em casa:

a) () Própria

b) () Alugada

8) Já vivenciou alguma perda?

a) () Um animal de estimação

b) () algum colega

c) () alguém da família

9) O que você sentiu com essa perda?

a) () tristeza

b) () raiva

c) () medo

10) E agora, como você está em relação a essa perda?

a) () triste

b) () saudoso

c) () indiferente

d) () já esqueceu

11) Você já conversou com alguém sobre essa perda, com quem?

a) () Mãe

b) () Pai

c) () Colega

d) () Professor

e) () Não conversou

12) Você acha importante falar sobre esse assunto na escola?

a) () Sim

b) () Não

13) No seu entender o professor poderia trazer esses assuntos para a sala de aula?

a) () Sim

() Não

Por que?

14) Na sua escola, algum professor(a) ou orientador(a) já falou nesses assuntos?

a) () Sim

b) () Não

15) O que esse professor ou orientador falou, foi bom para você?

a) () Sim

b) () Não

16) Para você, o que significa a morte?